

## **RELAÇÕES LÍQUIDAS: as narrativas sobre a necessidade de desapego no século 21**

Raquel Cavalcante dos Santos<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O atual contexto social, cultural e econômico tem exigido das relações praticidade, rapidez, sem muitos aprofundamentos. Diante deste panorama, evidencia-se aqui a importância dos aprofundamentos acerca da liquidez das relações a partir de uma análise da Psicologia Sistêmica Narrativa e do contexto socioeconômico, que influenciam nas linhas de pensamento, e comportamento interpessoais. A pergunta norteadora pautou-se a partir da seguinte reflexão: de que maneira o atual contexto sociocultural está influenciando nas narrativas e comportamentos das relações afetivas? Com a presente pesquisa, construída por revisão bibliográfica, com método qualitativo de cunho hipotético-dedutivo, objetiva-se expor o conceito de relações líquidas, além de analisar as maneiras pelas quais os discursos de desapego estão se tornando recorrentes, visando a ampliação das perspectivas sobre o tema para que se possa, então, formular propostas de reorganização desses discursos adoecedores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desapego; Abordagem narrativa; Relações líquidas.

### **1 INTRODUÇÃO**

Ao longo dos séculos as formas de relacionar-se têm se modificado conforme as recorrentes mudanças ocorridas concomitantemente. O contexto sócio-histórico, as reformulações culturais e tantos outros remanejamentos são fatores que impactaram diretamente nas relações interpessoais de modo que as necessidades, objetivos e prioridades foram repensados e reformulados.

Zygmunt Bauman (2004), em sua teoria sobre o amor líquido, já trazia em suas discussões as mudanças do amar e demonstrar amor ao longo da história, relacionando-as aos costumes, prioridades e, inclusive, ao cenário econômico particulares de cada época. Nina Vasconcelos Guimarães (2016) também vem trazer contribuições acerca do que é ser casal na atualidade e as diversas expectativas contraditórias depositadas ao adentrar em uma nova relação.

---

<sup>1</sup> Especialização em Psicologia Conjugal e Familiar pela Faculdade Santíssimo Sacramento e Especialização em curso em Psicologia Jurídica e Mediação de Conflitos pela Universidade Católica do Salvador. E-mail: quel.cavalcantepsi@gmail.com

Com a recorrente mudança de perspectivas sobre o amor, aumento das possibilidades e configurações de relacionamentos, pode-se questionar: de que maneira o atual contexto sociocultural está influenciando nas narrativas e comportamentos das relações afetivas?

Ao aprofundar-se nas questões referentes à liquidez das relações atuais, evidencia-se a necessidade de aprofundamento no estudo acerca dos aspectos relacionais que movem os vínculos afetivos na atualidade, as quais pregam o comportamento ambíguo de constante busca por relacionamentos profundos ao mesmo tempo em que não dispõem de tempo para saírem da superficialidade, a fim de que se possa ampliar o entendimento sobre essa temática e pensar meios de promover mudanças de paradigmas neste campo.

Foram utilizados autores que abordassem em suas argumentações as atuais maneiras de se relacionar e pensar o amor, tendo como base a abordagem sistêmica narrativa, que norteou as reflexões acerca dos discursos mais frequentes sobre o presente tema.

Objetiva-se aqui expor o conceito de relações líquidas e associá-lo ao atual contexto sociocultural vivenciado, além de analisar sobre as narrativas de desapego intrínsecas aos discursos nos relacionamentos contemporâneos, explanar as possibilidades de mudança dessas narrativas e discutir sobre os benefícios que podem decorrer destas reestruturações.

## **2 METODOLOGIA**

A pesquisa aqui apresentada foi construída a partir de revisão bibliográfica, que compartilha com leitor resultados já existentes de pesquisas e teorias já elaboradas que se assemelhem com o tema aqui proposto, apresentando-se como um diálogo entre a discussão relatada e a literatura sobre determinado tópico, ampliando olhares e preenchendo possíveis lacunas (Creswell 2007).

Utilizou-se do método hipotético dedutivo por se basear em argumentos e discussões acerca do assunto. Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p.54), este “modelo gera, através de um trabalho lógico, as hipóteses, os conceitos e os indicadores para os quais será necessário buscar correspondentes no real”.

A abordagem adotada foi a de cunho qualitativo justamente pela análise das teorias apresentadas. A abordagem qualitativa é geralmente a mais usada em pesquisas das áreas sociais por sua capacidade de abranger diversas variantes situacionais, exigindo do pesquisador uma habilidade analítica e integrativa, além de criatividade e intuição (MARTINS 2004).

Os critérios utilizados para seleção e inclusão dos instrumentos foram:

- Materiais científicos publicados no período entre 2012 e 2017, com exceção das referências históricas e dos autores-base ;
- Autores que abordassem a temática das mudanças nas configurações relacionais ao longo do tempo;
- Autores, preferencialmente, de abordagem sistêmica narrativa, que trouxessem em suas discussões as atuais conceitualizações de amor.

A partir dos critérios acima citados, a pesquisa foi desenvolvida visando o entendimento efetivo do tema por parte do leitor, priorizando, também, que novas perspectivas e olhares acerca deste possam ser formuladas e/ou ampliadas, uma vez que tem sido fonte de reflexões e estudos em vários segmentos sociais.

### **3 A CONSTRUÇÃO DE AFETIVIDADES EM MEIO A RELAÇÕES FLUIDAS**

#### **3.1 A BUSCA DO AMOR EM UM CENÁRIO QUE INCENTIVA INDIVIDUALIDADES**

Atualmente, observa-se, em diversos contextos, que a perspectiva de relacionamentos amorosos está cada vez mais dinâmica, com múltiplos conceitos e formas, modificando-se gradativamente. Para a compreensão deste panorama tornar-se possível, faz-se necessária uma análise ampla do cenário sociocultural vivenciado e dos discursos construídos a partir deste.

Bauman (2004, p.10), em sua teoria sobre a liquidez das relações nos tempos atuais, problematiza-as de modo claro:

Afinal, a definição romântica do amor como “até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir e de onde extraía seu vigor e sua valorização. Mas o desaparecimento dessa noção significa,

inevitavelmente, a facilitação dos testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de “amor”: Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões do amor, esses padrões foram baixados. Como resultado, o conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra amor expandiu-se muito. Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de “fazer amor”. A súbita abundância e a evidente disponibilidade das “experiências amorosas” podem alimentar (e de fato alimentam) a convicção de que amar (apaixonar-se, instigar o amor) é uma habilidade que se pode adquirir, e que o domínio dessa habilidade aumenta com a prática e a assiduidade do exercício. Pode-se até acreditar (e frequentemente se acredita) que as habilidades do fazer amor tendem a crescer com o acúmulo de experiências que o próximo amor será uma experiência ainda mais estimulante do que a que estamos vivendo atualmente, embora não tão emocionante ou excitante quanto a que virá depois.

Sob esta visão, pode-se refletir acerca do que tem sido esperado do amor e de cada relacionamento. Torna-se um misto de busca por profundidade ao mesmo tempo em que existe uma espécie de fuga pelo medo de não alcançar algo mais grandioso, que chegue para preencher todos os vazios existenciais. Os discursos que compõem os objetivos nas relações afetivas atuais partem de uma díade que compõe os opostos do desapego e autossuficiência e da dependência extrema.

No entanto, para chegar-se a uma compreensão mais extensa acerca da contemporaneidade afetiva, faz-se necessária uma análise reflexiva no que concerne ao contexto sócio-econômico-cultural vivenciado. A este respeito, Lipovetsky (2005) comenta que o momento moderno difunde a indiferença em todos os segmentos, uma indiferença em que as pessoas mantêm um tipo de coabitação na qual as relações configuram-se como objetais, ou seja, tudo se escolhe e se exclui de modo fluido e instantâneo, sem maiores problematizações ou questionamentos.

Com a perspectiva vigente, as incertezas, nos mais variados sentidos, têm se configurado como características principais em todas as formas de relações, fazendo desenvolver uma espécie de autoproteção isoladora que visa manter decepções e sofrimentos à distância, o que culmina na limitação do permitir-se sentir.

A incerteza do presente é uma poderosa força *individualizadora*. Ela divide em vez de unir, e como não há maneira de dizer quem acordará no próximo dia em qual divisão, a ideia de “interesse comum” fica cada vez mais nebulosa e perde todo valor prático.

Os medos, ansiedade e angústias contemporâneos são feitos para serem sofridos em solidão (Bauman, 2000, p.170).

A conveniência de laços fracos, que, ao primeiro sinal de descontentamento e insatisfação são facilmente desfeitos, trazem uma reflexão ampliada acerca do poder usufruir, hoje, de um tipo de liberdade que não era permitida há algumas décadas atrás. A necessidade de gozar todas essas novas possibilidades disponíveis sugere ser um tipo de comportamento “compensatório” por todo tempo de repressão imposta.

Ao refletir sobre a vigente mobilidade física constantemente acessível, Velloso (2017), comenta a respeito das novas tecnologias que acabam por prejudicar a interação dos relacionamentos locais ao mesmo passo em que facilitam essa interação com pessoas à longa distância, tornando-se um paradoxo acerca da real funcionalidade tecnológica.

Na contemporaneidade, os objetivos dos relacionamentos são tão claros quanto os das negociações no mundo econômico, nas quais existe a ideia de que é necessário haver trocas satisfatórias para se justificar sua continuidade, conforme Bauman expõe (2004, p.52).

O “relacionamento puro” tende a ser, nos dias de hoje, a forma predominante de convívio humano na qual se entra “pelo que cada um pode ganhar” e se “continua apenas enquanto ambas as partes imaginem que estão proporcionando a cada uma satisfações suficientes para permanecerem na relação”.(...) Se você sabe que seu parceiro pode preferir abandonar o barco a qualquer momento, com ou sem a sua concordância (tão logo ache que você perdeu seu potencial como fonte de deleite, conservando poucas promessas de novas alegrias, ou apenas porque a grama do vizinho parece mais verde), investir seus sentimentos no relacionamento atual é sempre um passo arriscado. Investir fortes sentimentos na parceria e fazer um voto de fidelidade significa aceitar um risco enorme: isso o torna dependente de seu parceiro (embora devamos observar que essa dependência, que agora está se tornando rapidamente um termo pejorativo, é aquilo em que consiste a responsabilidade moral pelo Outro (...)).

Pode-se então assinalar que esta “dependência” a qual Bauman se refere, direciona-se ao modo de aprofundar-se e comprometer-se na relação, ato esse que tem sido motivo de fuga dentre os indivíduos. Estar vinculado a um laço quando não

existem garantias de permanência mostra-se um desafio, uma espécie de armadilha que põe em risco a autonomia dos envolvidos. Então evidencia-se uma questão: Por que a superação deste embate precisa consistir na escolha de um lado extremo? A partir desta crença, acredita-se que sair do paradigma defensor da supremacia da individualidade é sinônimo de autoexposição e renúncia de qualidade de vida.

Carneiro (1998) comenta acerca da importância em se reconstruir os discursos das experiências individuais passadas de modo que ambos os componentes da relação conjugal fabriquem uma memória comum destas, tornando-as integrativas.

Na forma contemporânea de se organizar um núcleo familiar, na qual o acesso é cada vez mais restrito, com um número cada vez menor de componentes, além da necessidade de isolamento constante para que uma pressuposta segurança seja minimamente garantida, acabam por contribuir para que a relação desapego – autoproteção seja utilizada como argumento justificativo ao enrijecimento nos relacionamentos (Guimarães, 2016).

Bauman (2009, p.287) afirma que:

É uma característica da condição pós-moderna achatar o tempo e condensar a percepção de um fluxo infinitamente expansível de tempo para dentro da experiência, (...) ou o fatia para dentro de uma série de episódios auto-sustentados, cada um deles a ser vivido como uma intensa experiência do momento fugaz e separado de maneira tão meticulosa quanto possível, tanto de suas consequências passadas como futuras. A política de movimentos está sendo substituída pela política de campanhas, que busca resultados instantâneos e é despreocupada em relação às repercussões de longo prazo; a preocupação pela fama dourada (eterna!) dá lugar a um desejo de notoriedade; a duração histórica é identificada com a gravação instantânea (e a princípio apagável); obras de arte, um dia pensadas para durar “além do túmulo”, são substituídas por *happenings* deliberadamente curtos e por instalações que pouco duram; identidades de um tipo pensado para ser construído com zelo e para durar por toda uma vida são trocadas por kits de identidade para montagem imediata e desmantelamento igualmente instantâneo. A nova versão pós-moderna da imortalidade foi pensada para ser vivida instantaneamente e aproveitada aqui e agora; não é mais refém do impiedoso e incontrolável fluxo do tempo objetivo.

Este contexto social analisado por Bauman remete a um fato que tem se tornado recorrente na atualidade: a busca por resultados instantâneos. A instantaneidade componente da rotina dos indivíduos tem se evidenciado como solução ao “problema” chamado emoção. Manuais diagnósticos estão sendo utilizados como referência para legitimar que as emoções – ou excesso delas – são sintomas de adoecimento. Atestam, com maestria, que a melhor resolução para qualquer quadro patológico está contida em alguma fórmula medicamentosa. Todas as criações da sociedade pós-moderna têm sido fabricadas com prazo de validade. Nada mais é feito para durar.

### 3.2 APEGO E DESAPEGO NA CONTEMPORANEIDADE

A doutrina reforçadora da afirmação de que nada é feito pra durar, de modo que, quando se transcende essa regra, ganha-se o rótulo de obsoleto, dá margem para o estabelecimento de relações cada vez mais frágeis. Todo aparato tecnológico que vem sendo criado e que tem feito parte de forma progressiva do cotidiano na grande maioria dos campos, tem viabilizado o distanciamento emocional entre as pessoas, apesar de o acesso ao contato ter se tornado mais fácil. Os mais variados sites de relacionamentos mostram a todo instante as possibilidades de ser/buscar personagens de acordo com nossa vontade (Abreu, 2016).

Na ânsia de experimentar o máximo de possibilidades possíveis, o cenário que compunha a sociedade recém-industrializada, caracterizada pela busca à estabilidade relativa e união da classe trabalhadora que lutava por objetivos comuns, foi substituída pela pós-modernidade dos tempos onde tudo é flexível e volátil, como aponta Bauman (2000, p.169).

Essa situação mudou, e o ingrediente crucial da mudança múltipla é a nova mentalidade de “curto prazo”, que substituiu a de “longo prazo”. Casamentos “até que a morte nos separe” estão decididamente fora de moda e se tornaram uma raridade: os parceiros não esperam mais viver muito tempo juntos. De acordo com o último cálculo, um jovem americano com nível médio de educação espera mudar de emprego 11 vezes durante sua vida de trabalho - e o ritmo e frequência da mudança deverão continuar crescendo antes que a vida de trabalho dessa geração acabe.



Em um contexto tecnológico no qual todas as opções estão diretamente disponíveis e são facilmente descartáveis, tornou-se desnecessário o interesse pelo estabelecimento e manutenção para a durabilidade destas. Em busca da qualidade ideal, a quantidade tornou-se prioridade.

Essas narrativas fluidas vão se construindo com o tempo, a partir de vivências e convivências em cenários onde a troca é algo natural e a permanência ou manutenção de vínculos são vistos como comodismo ou ausência de pró-atividade. As experiências da primeira infância são formadoras da base na qual consistirá a personalidade do indivíduo.

Bowlby (2004/1975), em sua Teoria do Apego já afirmava que os padrões de comportamentos existentes em uma relação entre uma mãe seu bebê variam conforme sua rotina e modificações que por ventura venham a ocorrer, como por exemplo o modo como aquela dispensa atenção e cuidados a este, o que também vai ser fundamental na formação de um apego seguro ou ambivalente. Esses cuidados que a mãe dedica à sua prole é que vão fortalecendo os vínculos afetivos entre ambos e é a partir de então que, gradativamente, vai se construindo uma comunicação particular formada por diversos signos, que garantirá o estabelecimento efetivo do apego saudável ou não.

Guimarães (2016, p.259) faz uma análise da teoria de Bowlby em um dos capítulos do seu livro *Morte, Renascimento e Honra*, na qual reflete que

As crianças de apego inseguro esquivo,(...) quando crescidas, confiam excessivamente nelas próprias e não se entregam a ninguém, geralmente estabelecem vínculos superficiais e voláteis, não dando margem a qualquer grau de intimidade nos relacionamentos.

As primeiras figuras de apego de um indivíduo demonstram ser, então, a referência de maior magnitude para a formação de laços afetivos posteriores, de modo que o nível de segurança no reconhecimento de figuras de apego satisfatórias torna-se significativamente mais elevado em indivíduos configurados em um modo de apego seguro.

Em um cenário em que as emoções são colocadas em segundo plano, as prioridades no âmbito educacional pós-moderno são de cunho material e financeiro



e as individualidades são supervalorizadas, o que torna o ato de relacionar-se afetivamente e fazer as devidas concessões – recíprocas – para perdurar, um verdadeiro desafio. A esse respeito, Guimarães (2014, p.41) pontua que:

Diante da exacerbação egocêntrica, o dilema pós-moderno da conjugalidade consiste nos parceiros tentarem conciliar suas individualidades com o propósito do casal. Ao mesmo tempo que as ideias individualistas estimulam a autonomia dos conjugues, favorecendo o crescimento e o desenvolvimento de cada um, os desejos e projetos conjugais exigem concessões consideradas incompatíveis com a mentalidade pós-moderna. Portanto, a conjunção de duas individualidades ao propósito de conjugalidade consiste em um dos maiores malabarismos da contemporaneidade.

De fato, manter a autonomia e individualidade em uma relação a dois é algo imprescindível para a boa funcionalidade desta e também para que valores e essências particulares dos indivíduos não se percam. No entanto, costuma-se pensar que, para uma relação conjugal ser levada à diante, precisa-se renunciar essas particularidades. Alimenta-se a ideia de que, no casamento, duas pessoas viram uma só e tudo o que foi vivido antes deve ser dado como irrelevante. Afinal, por que precisa haver a escolha entre um extremo e outro?

As relações sexuais também têm assumido uma função drasticamente divergente da que possuía algumas décadas atrás, como reflete Bauman (2009, p.279).

A autossuficiência do erotismo, a liberdade de procurar deleites sexuais para o próprio bem, cresceu até o nível de uma norma cultural, trocando de lugar com seus críticos, agora designados *Kunstammer* de curiosidades culturais e relíquias de espécies extintas. Hoje o erotismo adquiriu uma substância que nunca antes fora capaz de carregar em seus próprios ombros, mas também uma leveza e volatilidade inauditas. Sendo um erotismo “sem amarras”, solto, sem rédeas, o erotismo pós-moderno é livre para entrar e sair de qualquer associação por conveniência, mas também é uma presa fácil para forças ansiosas por explorar seus poderes sedutores. Tornou-se folclore da ciência social deixar a responsabilidade da “revolução erótica” nas portas das “forças do mercado” (...).

Evidencia-se, assim, a relação direta que se faz presente entre a perspectiva do contexto econômico e as maneiras de relacionar-se afetivamente em outros campos. Estabelecer conexões têm se resumido a práticas objetivas que exigem

rapidez e rejeitam qualquer demanda que seja divergente desta ordem. A este respeito, observando-se as dinâmicas comunicacionais estabelecidas nos atuais padrões em relacionamentos, surge como alternativa para mudança de discursos dominantes a abordagem narrativa, que será melhor detalhada na sessão a seguir.

### 3.3 PRÁTICAS NARRATIVAS: UM CAMINHO POSSÍVEL PARA NOVAS REESTRUTURAÇÕES DE DISCURSOS

A terapia Narrativa foi elaborada a partir da década de 1980 por Michael White e David Epston, ambos terapeutas familiares sendo que o primeiro tinha formação em serviço social e o segundo em antropologia. Uma das possibilidades de intervenção desta abordagem chama-se reautoria, caracterizada por partir da premissa de que os processos psicológicos são estruturados de maneira narrativa e que a construção do sentido de mundo se faz com a constante reelaboração de histórias (Gonçalves & Henrique, 2002 apud Lopes, Neufeld & Santos, 2013).

Nesse contexto de transformação dos modos de viver e compreender as novas formas de subjetivação, surgiram diversas terapias nomeadas de pós-modernas que, apesar de apresentarem diferenças substanciais, partilham algumas noções resultantes do intenso debate paradigmático das últimas décadas do século XX. Enfatizando a contingência do eu e do mundo, tais terapias partilham a rejeição de uma noção essencialista do *self*, defendendo o entendimento de que os significados são dialogicamente construídos na linguagem (Brito & Germano, 2013).

Ao re-narrar valores, ou experiências acerca de algo, reflete-se ou até modifica-se sua perspectiva, tornando possível desenvolver novas versões e novos olhares a respeito. Ao relacionar a referida abordagem com o tema aqui discutido, pode-se considerar que, com toda a influência que o quadro contemporâneo traz ao priorizar números e quantidades, as relações afetivas acompanham os mesmos discursos objetivistas e instantâneos.

Grandesso & Paschoal (2014) enfatizam que na sociedade pós-moderna, a devida análise das linguagens utilizadas auxilia no entendimento da maneira pela qual a realidade e as relações são construídas e vivenciadas, o que, em um processo

terapêutico, aparece como um instrumento de densa eficácia para a obtenção de resultados satisfatórios. Afirmam ainda que:

O propósito da terapia narrativa, dado seus pressupostos, define-se como construir um contexto conversacional de modo ajudar o cliente a reescrever de forma “rica” histórias alternativas com detalhamento sobre acontecimentos, crenças, propósitos, aprendizados e valores, entrelaçadas com as vidas das pessoas, contribuindo para uma nova visão de si mesmo e da vida (Grandesso & Paschoal, 2014, p.27).

Assim sendo, quando se reelaboram discursos saturados, que estão presentes nas narrativas do indivíduo de modo tão corriqueiro que passam a ser vistos como verdades únicas, outros pontos de vista podem ser construídos e, a partir de então, novas possibilidades de discursos emergem.

A elaboração desses novos discursos alternativos devem ser desenvolvidos e moldados de acordo com as necessidades do indivíduo, de modo que seus objetivos sejam elaborados dentro da conversação terapêutica, a partir da qual o sentido da vida deste é coconstruído, bem como o significado das suas experiências como um todo em uma parceria entre o terapeuta e o paciente (LOPES, NEUFELD & SANTOS, 2013).

Grandesso & Paschoal (2014, p.29) assinalam que:

Os significados atribuídos aos acontecimentos da vida são derivados das histórias que construímos e essas histórias determinam a maneira como passamos a estabelecer as diferenças entre o que se apresenta como significados privilegiados e o que é deixado periférico ou fora de nossas narrativas, entendidos como significados subjugados. A história dominante apresenta uma força contextual conforme delimita um território em que apenas o que se encaixa com os eventos privilegiados pela narrativa adquire visibilidade. Cumpre ressaltar que construir significados pelas histórias narradas apresenta-se como uma construção social da qual fazem parte as audiências significativas com as quais as pessoas compartilham suas vidas.

Evidencia-se, então, que os significados que regem as narrativas dos indivíduos são colaboradores essenciais para maneira pela qual estes conduzem seus pensamentos e comportamentos. Neste processo de atribuição de significados, alguns componentes acabam sendo negligenciados e passam a ocupar um espaço minimizado na rede de percepção. Durante a reelaboração das histórias, tais

componentes têm a possibilidade de serem realocados e assumirem uma nova posição nas narrativas, o que pode fazer toda diferença no que se refere aos aspectos de ampliação de perspectivas e pontos de vista.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O atual contexto de valores, relacionamentos e economia líquidos têm priorizado a rapidez dos resultados, associando-os ao sinônimo de qualidade, eficiência e até felicidade. A luta constante contra o tempo têm resultado na perda da consciência sobre a importância do aprofundar-se, em quaisquer campos ou fases do ciclo vital. Com o advento das mais sofisticadas tecnologias que produzem em velocidades singulares, esqueceu-se do ritmo particular de cada ser e de cada acontecimento. O que era duradouro agora é considerado obsoleto e inútil.

Os olhares de autores como Zygmunt Bauman e Nina Guimarães inovam ao problematizar os relacionamentos contemporâneos e toda sua fluidez e facilidade de formarem-se e desfazerem-se em meio a um contexto social, econômico e cultural que enfatiza constantemente o quanto a individualidade e o desapego são importantes. A resistência em manter-se e perdurar-se em relações amedronta pela densidade que o conceito de compromisso traz. A prioridade tem sido alcançar maiores números de feitos, de experiências, de paixões, de quantias em conta bancária... Afinal a vida é muito curta, não é mesmo?

O processo de reelaboração das narrativas saturadas apresenta-se como uma possibilidade para modificação de perspectiva acerca da função da individualidade nas relações e também sobre a constante necessidade de buscar maiores quantidades em lugar de maiores qualidades, o que tem contribuído para a superficialidade das mesmas.

#### **REFERÊNCIAS**

ABREU, L. L. G. et al. **A superficialidade das relações na contemporaneidade**. 2016. Disponível em:

[http://www.congressods.com.br/anais/gt\\_05/A%20SUPERFICIALIDADE%20DAS%20RELAcoes%20NA%20CONTEMPORANEIDADE.pdf](http://www.congressods.com.br/anais/gt_05/A%20SUPERFICIALIDADE%20DAS%20RELAcoes%20NA%20CONTEMPORANEIDADE.pdf), acessado em 10/09/2017.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. 1<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. 1<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. 1<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BOWLBY, J. **Perda**. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRITO, R. M. M.; GERMANO, I. M. P. Terapia narrativa e abordagem colaborativa: contribuições do construcionismo social para a clínica pós-moderna. **Nova Perspectiva Sistêmica**. Rio de Janeiro, v.22, n.47, p.57-73. 2013. Disponível em: <http://revistanps.com.br/index.php/nps/article/view/7/8>, acessado em 18/11/2017.

CARNEIRO, F. T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v.11, n.2. 1998. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/188/18811214/>, acessado em 15/05/2018.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Artmed, 2007.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D.T. **Métodos de pesquisa**. 1<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.

GRANDESSO, M.; PASCHOAL, V. N. Uso de metáforas em terapia narrativa: facilitando a construção de novos significados. **Nova Perspectiva Sistêmica**. Rio de Janeiro, v.23, n.48, p.24-43. 2014. Disponível em: <http://revistanps.com.br/index.php/nps/article/view/48/31>, acessado em 01/11/2017.

GUIMARÃES, N. V. Honrando nossos vínculos: na construção, na consolidação e na partida, In: GUIMARÃES, N. V. (org). **Morte, renascimento e honra**: Psicologia Sistêmica. 1<sup>a</sup> ed. Itabuna – BA: Mondrongo, 2016.

\_\_\_\_\_. **Autoridade e autonomia em tempos líquidos**: a teoria sistêmica na contemporaneidade. 1<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa, 2014.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**. 1<sup>a</sup> ed. Barueri, São Paulo: Manole, 2005.

LOPES, R. F. F.; NEUFELD, C. B.; SANTOS, W. M. Relação terapêutica e terapia narrativa: entrevista com Miguel Gonçalves. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**. Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.61-69. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-56872013000100009&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-56872013000100009&script=sci_abstract), acessado em 01/11/2017.

MARTINS, H. H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.30, n.2, p.289-300, 2004.

VELLOSO, L. Normadismos e imobilismos: “Consumindo” conexões e desconexões no âmbito sócio educacional. **Revista Húmus**. Maranhão, v.7, n.19, p.124-140. 2017.

Disponível em:

<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/7006/4427>,  
acessado em 01/11/2017.